



**CRUZES NA ESTRADA, ABRIGO DE QUEM DE CORPO JÁ SE FOI, E BOCETAS
SACRALIZADAS, BERÇO DE QUEM AINDA VEM**

**CROSSES ON THE ROAD, SHELTER FOR THOSE WHO HAVE ALREADY GONE,
AND SACRALIZED PUSSIES, CRADLE FOR THOSE WHO ARE STILL COMING**

Andrea Penteadó¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Não Associada ANPAP

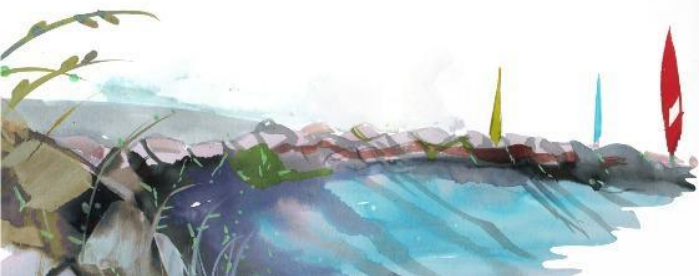
Resumo: O projeto reúne, em um extremo, imagens de cruzes de beira de estrada que denunciam vidas ceifadas inesperadamente; e, no outro extremo, investiga a sacralização da sexualidade feminina, resumindo-a a útero da humanidade. Por mais diversos que esses caminhos aparentem ser, ganharam forma dentro de uma mesma pesquisa, iniciada no final de 2024. Os primeiros resultados foram exibidos na exposição **Entre o Encontro e o Adeus**, realizada na Galeria Dobra & Artnova, no Rio de Janeiro, em 14 de junho de 2025.

Palavras-chave: Arte-contemporânea. Inventariação. Corpo-Mulher. Morte-Vida.

Abstract: *The project juxtaposes photography of roadside crosses marking unexpected lost lives with an investigation into the sanctification of female sexuality, often reduced to the womb of humanity. Despite their apparent differences, these themes emerged from unified research initiated in late 2024. The initial findings were showcased in the exhibition "Between Meeting and Farewell," held at Dobra/Artnova Gallery in Rio de Janeiro on June 14, 2025.*

Keywords: *Contemporary-art. Inventory. Body-Woman. Death-Life*

¹ Andrea Penteadó é artista plástica, Doutora em Educação, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, psicopedagoga e arteterapeuta. Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolve pesquisas em artes visuais, com foco na representatividade de grupos vulneráveis, da experiência de acolhimento e da violência. Seu trabalho abrange variedade de suportes e técnicas, incluindo livros e cadernos de artista, fotografia digital, aquarela, pintura, desenho e videoarte. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5139824872092163>



CRUZES E BOCETAS: tensões sobre a natureza do abrigo, da vida e da morte.

Parto da noção de **abrigo** como tema na arte que já não é novidade. Apenas para circunscrevermo-nos ao Brasil, podemos destacar pioneiros como Lygia Clark e seus **Abrigos Poéticos** (2025), ou a noção de casa-corpo, de Hélio Oiticica, em **Mundo-Abrigo** (2025a), ou caminhar alguns anos e conceber a obra de Ernesto Neto como espaço de acolhimento (2025b), ou, ainda, trazer o livro de artista como um abrigo para as palavras, na investigação de Gabriela Irigoyen e Bianca Ramoneda (2025c). Portanto, sem pretender ineditismos, tenho, apenas, buscado esticar mais a corda do **abrigar** para digeri-la em outras materialidades, reconhecendo-as como formas simbólicas de resistir à violência que sistemas patriarcais, misóginos e desumanizados impõem à vida contemporânea.

No final de 2024, em uma viagem ao Monte das Gameleiras, no Rio Grande do Norte, me vi provocada pela abundância de cruzes e santuários de beira estrada que velam e perpetuam a morte violenta de quem foi carregado por veículos estradeiros. Vi as Cruzes da Estrada como **abrigos que acolhem quem, de corpo, já se foi.**

Iniciei uma pesquisa para saber o quanto essa prática cultural poderia ser recorrente em diferentes países. Compreendendo sua amplitude, passei a solicitar, a quem se interessasse, que me enviasse registros dessas cruzes para compor a investigação Cruzes na Estradaⁱ. Passei a editar fotografias e pequenos filmes de minha autoria e de outras pessoas de quem venho recebendo colaboração, sem preocupar-me, durante o processo, com a forma de finalização e apresentação desse material.

Em determinado momento da pesquisa, ocorreu-me descolar da bidimensionalidade e passar para a montagem de pequenos relicários tridimensionais, assim como os próprios santuários que me inspiravam. Encomendei uma leva de caixinhas acrílicas, em variados tamanhos para iniciar esse trabalho. Porém, ao receber o material e contemplá-lo por alguns dias, não consegui apropriar-me dele. Súbito, lembrei-me de um trabalho cerâmico, iniciado em 2023, que consistia em pequenas “bocetas” modeladas a partir de uma única **concha-matriz**, servindo de arquétipo formal, em que eu questionava a expressão “concha de tu madre”, gíria vulgar, dos países latino-americanos de língua espanhola, para referir-se à boceta como forma de insulto. Era um trabalho que dava continuidade a meu livro **Flor não é Boceta**ⁱⁱ, homenagem a Tee Corinne. Resgatei essas pequenas bocetas e as coloquei dentro das caixas de acrílico. Observei, então, que foram encarceradas, castradas e anuladas naqueles invólucros assépticos, lembrando vidros de laboratórios de biologia com partes de corpos decepadas de seus contextos. Além disso, as caixas de acrílico pareciam – fingiam – valorizar, proteger, enaltecer as bocetas, sacralizando-as. As bocetas estavam cuidadosamente valorizadas no seu papel de procriação e castradas de sua sexualidade orgástica. Nesses extremos surge o trabalho apresentado: de um lado, bocetas sacralizadas são o berço das vidas que estão por vir; de outro, as Cruzes na Estrada são abrigos de corpos que já se foram, mas, cujo amor daqueles que, aqui, ainda ficam, os transformam em memória viva de suas vidas.

O projeto está em desenvolvimento e sua primeira exibição foi na Exposição Entre o Encontro e o Adeusⁱⁱⁱ. As imagens aqui compartilhadas trazem as cruzes já editadas e ensaios das bocetas sacralizadas cujo processo está em curso.



Imagem 1. Andrea Penteadó, Cruz Marrom em Santuário Branco, fotografia digital, 3508 px 4961 px – 300dpi, Monte das Gameleiras-RN, 2024



Imagem 2. Andrea Penteadó, Santuário Amarelo e Roxo com Flores, fotografia digital, 3508 px 4961 px – 300dpi, Monte das Gameleiras-RN, 2024



Imagem 3. Andrea Penteadó, *As Cruzes que não Vemos*, fotografia digital, 3507 px 4961 px – 300dpi, Monte das Gameleiras-RN, 2024



Imagem 4. Andrea Penteado, Cruz Branca em Santuário Azul, fotografia digital, 3506 px 4961 px – 300dpi, Monte das Gameleiras-RN, 2024



Imagem 5. Elinaldo Meira e Andrea Penteado, Cruz azul em Santuário Amarelo, fotografia digital, 7500 px
5250 px – 300dpi, Itapetim-PE, 2024



Imagem 6. Andrea Penteado, Bocetas Sacralizadas – Registro de processo 1 – Concha-Matriz no alto, à esquerda, modelagem de placa em argila para Raku – matéria crua, Rio de Janeiro, 2025



Imagem 7. Andrea Penteado, Bocetas Sacralizadas, modelagem de placa em argila para Raku-cozimento em biscoito realizado em mufla, specific site, Rio de Janeiro, 2025



Imagem 8. Andrea Penteadó, Bocetas Sacralizadas, modelagem de placa em argila para Raku-cozimento em biscoito realizado em mufla, specific site, Rio de Janeiro, 2025



Imagem 9. Andrea Penteadó, Bocetas Sacralizadas, modelagem de placa em argila para Raku-cozimento em biscoito realizado em mufla, specific site, Rio de Janeiro, 2025



Imagem 10. Andrea Penteadó, Bocetas Sacralizadas, modelagem de placa em argila para Raku-cozimento em biscoito realizado em mufla, specific site, Rio de Janeiro, 2025

Referências

Portal Lygia Clark. Abrigo Poético número 3. Disponível em:

<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/8/abrigo-poetico>. Acesso em 10 jun. 2025

MUNDO Abrigo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/eventos/128511-mundo-abrigo>. Acesso em: 11 jun 2025a

Museu de Arte do Rio de Janeiro. O abrigo e o terreno: arte e sociedade no Brasil I. Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/o-abrigo-e-o-terreno-arte-e-sociedade-no-brasil-i/>. Acesso em 10 jun 2025b

Centro Cultural da Justiça Federal. Um abrigo para as palavras. Disponível em:

<https://ccjf.trf2.jus.br/programacao/um-abrigo-para-palavras>. Acesso em: 12 jun. 2025c

ⁱ Ver https://www.instagram.com/reel/DJ7BYYbK867/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

ⁱⁱ <https://youtu.be/b3L8jP3s4RM> e <https://www.andreapenteadó.com/c%C3%B3pia-video-arte?lightbox=dataItem-m3frf316>

ⁱⁱⁱ https://www.instagram.com/p/DKseq74pAoZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==